

AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PROCESSO DE APRENDIZAGEM E REFLEXÃO¹

Bruna da Silva Aliandro

Resumo

O presente artigo considera o objetivo de investigar as contribuições que a avaliação, através de pareceres, traz para a aprendizagem dos alunos e para a prática pedagógica do professor. A avaliação é o conceito central dessa pesquisa, considera-se aqui a perspectiva de Hoffmann, a partir do contexto educacional contemporâneo. A metodologia empregada para estruturar esse artigo foi uma pesquisa qualitativa, do tipo exploratória. A partir dessas questões, propõe-se neste trabalho uma discussão acerca da seguinte problemática: qual a colaboração da avaliação através de pareceres, para a prática pedagógica do professor de educação infantil e, conseqüentemente, para a aprendizagem do aluno? Neste sentido, ressalto a importância da construção de pareceres e relatórios descritivos de avaliação, pois é notável a influência desse documento nos encaminhamentos pedagógicos da educação infantil, colaborando para o melhor acompanhamento da formação da criança.

Palavras-chave: Avaliação. Aprendizagem. Educação infantil. Reflexão.

Resumen

El siguiente artículo tiene como objetivo la investigación de las contribuciones que la evaluación través de pareceres, trae para el aprendizaje de los alumnos a la práctica pedagógica del profesor. La evaluación el concepto central de esta investigación, considerándose acá la perspectiva de Hoffmann, a partir del contexto de la educación contemporánea. La metodología utilizada para la estructuración de ese artículo fue una investigación cualitativa, de tipo exploratoria. A partir de esas

¹ Este trabalho, desenvolvido sob orientação da professora Maiane Liana Hatschbach Ourique, é apresentado ao componente curricular **Reflexão Sobre a Prática Docente**, como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Pampa, câmpus Jaguarão.

cuestiones, se propone en este rabejo una discusión cerca de la seguinte problematización: ¿cual la colaboración de la evaluación través de pareceres, para la práctica pedagógica del profesor de educación de niños , consecuentemente para el aprendizaje del alumno? En este sentido, se resalta la importância de la construcción de informes y pareceres descriptivos de evaluación, pues es notable la influencia de eso documento en los encaminamientos pedagógico de la educación de niños, colaborando para el mejor acompañamiento de la formación del niño.

Palabras-clave: Evaluación. Aprendizaje. Educación de niños. Reflexión.

1. Introdução

O interesse em trabalhar com avaliação na educação infantil surgiu ao longo do 8º semestre, durante os componentes de Estágio na Educação Infantil - Socialização de Experiências Docentes e Prática Docente na Educação Infantil, mais especificamente, quando foi preciso elaborar os pareceres avaliativos da turma onde o estágio foi realizado. Assim, percebi a necessidade de entender o modo como se desenvolve a avaliação na Educação Infantil, que é diferente daquela realizada nos Ensinos Fundamental e Médio, assim como também diverso do senso comum, que avalia o aluno classificando-o, como se todos adquirissem o conhecimento da mesma maneira. Além disso, nas Secretarias de Educação, é corriqueiro haver uma ausência de posição e normatização sobre o que é e como se faz a avaliação neste campo, para que os professores tivessem uma referência para sua ação.

Esta falta de padrão nos contextos institucionais exige que o professor, ao produzir sua prática avaliativa, tenha um claro entendimento do que implica a avaliação e apresente critérios bem definidos para que os pareceres dos alunos sejam bem compreendidos por todos. Isto porque a avaliação é tanto um instrumento que informa os pais sobre a aprendizagem de seus filhos, quanto uma ferramenta de apoio para a prática pedagógica.

Dessa forma, o trabalho visa compreender como duas professoras da educação infantil do município de Jaguarão, usam a avaliação para o planejamento de suas atividades, na tentativa de ampliar os conhecimentos já construídos pelos

alunos e incrementar as aprendizagens da turma. Segundo Hoffmann (2012, p. 15), a avaliação está associada com o processo de aprendizagem da criança.

Avaliar na concepção mediadora, portanto engloba, necessariamente, a intervenção pedagógica. Não basta estar ao lado da criança, observando-a. Planejar atividades e práticas pedagógicas, redefinir posturas, reorganizar o ambiente de aprendizagem e outras ações, com base no que se observa, são procedimentos inerentes ao processo avaliativo. Sem a ação pedagógica, não se completa o ciclo da avaliação na sua concepção de continuidade, de ação-reflexão-ação.

Sendo assim, os instrumentos usados para acompanhar a criança durante todo o seu processo de aprendizagem são primordiais para que o professor realize uma reflexão. Com eles, é possível perceber se os objetivos propostos estão sendo compreendidos pelos alunos, assim como se esse propósito está adequado às capacidades cognitivas e culturais do aprendiz, para que construa aprendizagens significativas. Neste sentido, considero a perspectiva de Hoffmann (2005, p. 22) acerca da relação de troca entre os sujeitos da aprendizagem:

O educador não deve levar em conta, como ponto de partida para a ação pedagógica, apenas o que o aluno já conhece ou faz, mas, principalmente, deve pensar nas potencialidades cognitivas dos educandos, fazendo outros desafios e mais exigentes no sentido de envolvê-los em novas situações, de modo a provocá-los permanentemente, à superação cognitiva.

O professor deve considerar as “potencialidades cognitivas” dos educandos, de maneira que eles sejam provocados através de desafios, podendo contar com o auxílio de um colega. Ao passo que, resultará na reconstrução do próprio conhecimento, para que sucessivamente o aluno consiga impulsionar seu olhar sobre o tema e, então, à criança irá assimilar quais características dessa proposta estão presentes direta ou indiretamente no seu cotidiano.

A partir dessas questões, proponho-me neste trabalho uma discussão acerca da seguinte problemática: qual a colaboração da avaliação através de pareceres, para a prática pedagógica do professor de educação infantil e, conseqüentemente, para a aprendizagem do aluno? Neste contexto a avaliação é percebida como uma

proposta de ampliar os conhecimentos dos alunos, propondo estratégias de ensino e contribuindo com aprendizagens significativas e reflexões do educador.

Assim, tenho como objetivo perceber as contribuições que a avaliação através de pareceres traz para a aprendizagem dos alunos e para a prática pedagógica do professor.

Para tanto, minha intervenção tem como base metodológica a proposta de Gil, focalizando na pesquisa qualitativa, do tipo exploratória², abordando questões teóricas de duas professoras, sobre a avaliação na educação infantil. Posteriormente, foi realizada uma pesquisa de campo, compondo-se de análise dos pareceres e entrevista semiestruturada, elaborada a partir desta análise. As entrevistas foram realizadas com duas professoras de turmas de escola do município de Jaguarão, sendo uma delas definida como pré I (2-4 anos) e a outra como pré-escolar (4-5 anos). Na direção de investigar uma possível disparidade entre as formas de avaliação existentes nessa prática, as entrevistas semiestruturadas são capazes de ampliar as possibilidades desse estudo. Gil, (2008, p. 114) assim se refere acerca das entrevistas:

Essas entrevistas são muito utilizadas em estudos exploratórios, com o propósito de proporcionar melhor compreensão do problema, gerar hipóteses e fornecer elementos para a construção de instrumentos de coleta de dados. Mas também podem ser utilizadas para investigar um tema em profundidade, como ocorre nas pesquisas designadas como qualitativas.

Logo, reconheço o valor desse depoimento sobre a percepção de avaliação na educação infantil, enfatizando que a entrevista auxilia a responderem as necessidades surgidas no decorrer do estudo como, por exemplo, o modo como essas professoras se posicionaram perante as diferentes formas de avaliação presentes na educação infantil. Esses argumentos defendidos por Gil (2008) a respeito da perspectiva qualitativa possibilitará no estudo perceber outros aspectos além daqueles que já haviam sido pré-definidos para análises dos pareceres, contribuindo assim de forma significativa para pesquisa.

² As pesquisas exploratórias, segundo Gil (2008 p. 27), são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar uma visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato.

2. Avaliação no contexto escolar

No processo de ensino e de aprendizagem, um momento básico dentro do ambiente escolar é a avaliação, pois é através desse instrumento que se busca elaborar os planejamentos e combinações que o professor irá estabelecer na interação com os alunos. Avaliar, em seu sentido mais pleno, caracteriza-se como conhecer o valor de algo. Contudo, no contexto educativo, a avaliação é entendida como o processo de buscar compreender de que maneira o aluno é na sua totalidade. Dessa maneira, HOFFMANN (2012, p.29) salienta, assim como apontam diversos teóricos sobre a importância de oferecer oportunidades as crianças na etapa da educação infantil.

Oportunidades essas que irão assegurar o seu pleno desenvolvimento moral e intelectual na vida adulta. A concepção de conhecimento em sua totalidade, englobando as múltiplas possibilidades de aprendizagem de uma criança e vislumbrando o seu futuro é primordial na primeira infância.

Por isso é essencial oferecer a criança diversas experiências, para que a mesma possua amplas habilidades, reunindo interesses e valores sobre um determinado tema, quando assim lhe for sugerido.

Estreitando a relação professor–aluno para que ambos possam estar envolvidos na construção da aprendizagem, seja na troca em atividades planejadas ou em relações espontâneas dentro do ambiente escolar. Ainda que o professor esteja em momentos de pausa, pode se dispor manter um diálogo com os alunos, aproximando esse elo entre eles. Sendo assim, SACRISTÁN (1998, p. 296) utiliza-se da pesquisa de CROOKS, realizada nos Estados Unidos, para lembrar:

[...] 15% do tempo dos estudantes no ensino é dedicado a fazer diferentes provas, ainda que dados deste tipo tenham apenas um caráter de aproximação, já que não se avalia quando se fazem exames, mas também por meio de práticas de avaliação informal, o que leva muito mais esse tempo dedicado à atividade de comprovar medir e avaliar.

Desse mesmo modo, atualmente, em alguns espaços escolares ainda é usado esse método, a avaliação é caracterizada por provas e trabalhos com o objetivo final de distribuir notas para os alunos, classificando-os em padrões de conhecimento. Para tentar avaliar o aluno em sua integralidade, o professor usa números, valorizando apenas as aprendizagens construídas na escola, discriminando os saberes nos quais o aluno possui, que aprendeu fora desse ambiente.

Assim como esse método de avaliação era usado para organizar, na sala de aula, um espaço onde os alunos sentiam-se inferiores. Sendo que, o professor era dono de todo o conhecimento da sala, podendo estabelecer regras, caracterizando-se com o controlador do saber. Dessa forma estava anulada a concepção de construir no aluno uma visão questionadora, ativa e pensante, pois o aluno não possuía voz dentro da escola.

Ao longo dos anos, as reflexões sobre avaliação ganharam outra perspectiva, construindo uma forma de pensar avaliação, enquanto construtora do conhecimento. Fazendo parte desse processo, a avaliação tornou-se um ato contínuo no trabalho do educador, contribuindo tanto para o desenvolvimento da aprendizagem do educando, quanto para a reflexão da prática docente do educador.

Conforme os tempos foram passando as crianças adquiriram uma postura de independência, frente às tecnologias desenvolvidas, sendo assim, as formas de avaliação, bem como os métodos de ensino e aprendizagem, devem acompanhar esse processo, adquirindo uma postura evolutiva e, conseqüentemente, oportunizando compreender a integralidade do sujeito.

A avaliação é um processo no qual o professor deve observar os avanços dos educandos e, desse modo, perceber como eles aprendem, dessa maneira afirma HOFFMANN (2012, p. 135) com relação ao processo avaliativo.

Para a elaboração de um relatório de avaliação, que contemple o processo vivido por cada criança, insisto, é essencial o acompanhamento efetivo do professor por anotações e registros diários sobre o que observa delas. O relatório final é a síntese, a reorganização de dados de um acompanhamento que inclui a ação pedagógica e a intervenção do professor durante todo o processo educativo.

Cada aluno tem um ritmo de aprendizado e o professor deve participar desse processo de assimilação do conhecimento, proporcionando atividades motivadoras. Da mesma maneira, o educador deve oportunizar para cada aluno atividades significativas e desafiadoras, capazes de impulsionar o desenvolvimento destes, aumentando o seu domínio sobre a prática em questão.

À medida que o professor avalia, precisa ter clareza de que a qualidade desse instrumento interfere diretamente nas práticas pedagógicas, conectando com os alunos, uma comunicação confiante e garantindo o alívio na inquietação, em garantir uma avaliação que atendesse a expectativa dos responsáveis. Entendo, portanto, que a avaliação não é apenas registro e acúmulo de anotações e pensamentos sobre a evolução do aluno, mas um processo de elaboração e expressão dessa percepção no dia a dia da sala de aula, nos momentos de diálogo, nas atividades coordenadas pelo grupo, nas atividades programadas pelo professor, na prática de esporte, nos percursos de pesquisa, entre outras. O educador deve levar em conta a avaliação realizada durante todo o processo pedagógico com o aluno, não sendo mais possível entender apenas enquanto uma atividade classificatória e final de um período.

Para avaliar o aluno da educação infantil, a proposta constitui-se de maneira a estar associada ao seu próprio processo de desenvolvimento e aprendizagem, pois oportuniza ao professor decidir critérios importantes para ampliar as possibilidades de elaboração a partir de estratégias, expandindo o conhecimento de cada aluno a partir das inúmeras áreas que lhe são oportunizadas, desse modo (RCNEI, 1998, vol. 1, p. 59) apresenta a seguinte proposta de avaliação:

Neste documento, a avaliação é entendida, prioritariamente, como um conjunto de ações que auxiliam o professor a refletir sobre as condições de aprendizagem oferecidas e ajustar sua prática às necessidades colocadas pelas crianças. É um elemento indissociável do processo educativo que possibilita ao professor definir critérios para planejar as atividades e criar situações que gerem avanços na aprendizagem das crianças. Tem como função acompanhar, orientar, regular e redirecionar esse processo como um todo.

Em vista disso, percebo a necessidade do professor conhecer o aluno, estando ciente de seu desempenho, que é inerente à tarefa avaliativa. Neste

sentido, faz parte desta atividade, por exemplo, compreender sua agilidade com o corpo, sua forma de expressão e comunicação com os demais colegas e com todos da escola, a relação de criatividade, coordenação motora, noções em geral, entre outras questões que são essenciais para o desenvolvimento do aluno na escola e conseqüentemente para o educador fazer o planejamento, com o objetivo de propor atividades favoráveis a distribuir nas respectivas áreas, articulando com a demanda de cada aluno. Com a intenção de que os alunos percebam os desafios por eles superados, compartilhando com a turma por meio de conversa, elogios, os avanços dados por cada um.

O objetivo final da avaliação não é, pois, promover a criança a um nível superior de aprendizagem, mas contribuir para que o aluno esteja desenvolvendo as suas habilidades em sua totalidade. Nesta perspectiva, assim destaca as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2009, p. 4):

As instituições de Educação Infantil devem criar procedimentos para acompanhamento do trabalho pedagógico e para avaliação do desenvolvimento das crianças, sem objetivo de seleção, promoção ou classificação [...]

Por isso, o educador deve ter o intuito de desenvolver as habilidades dos alunos ao máximo, respeitando o seu ritmo de aprendizado. Entretanto, deve tomar cuidado para não fazer com a intenção de promover o aluno a um próximo nível, já que as turmas são heterogêneas e exige-se uma atenção individual aos alunos.

Sabemos que hoje existe uma pressão perante os processos de avaliação, que dizem respeito à relação direta entre número de alunos e recursos, contribuindo, de alguma forma, para os movimentos de desvalorização do professor, de excesso de alunos em sala de aula, de práticas tradicionais que mantêm um sistema classificatório de avaliação e dificultam a implantação de uma perspectiva mediadora de avaliação nas escolas, por exemplo. Contudo, destaco aqui que a ideia de que a avaliação reflexiva, utilizada inicialmente nas escolas de educação infantil, tem encorajado as escolas de ensino fundamental a perceberem essa como um caminho para compreender a plenitude do aluno e, conseqüentemente, promover atividades significativas para ele.

3. Avaliação na educação infantil

Avaliar compreende participar das experiências que o próprio educador oportunizou para a turma, tendo como parâmetros tanto os objetivos do seu planejamento pedagógico, quanto o processo percorrido por cada aluno. Nesta avaliação, o docente irá perceber como os alunos reagem diante da situação proposta, nesta perspectiva considero o conceito de HOFFMANN (2012, p.13), buscando enfatizar como se desenvolve a avaliação na sala de aula: “Avaliar não é julgar, mas acompanhar um percurso de vida da criança, durante o qual ocorrem mudanças em múltiplas dimensões com a intenção de favorecer o máximo possível seu desenvolvimento”.

Desse modo, entendo que o professor deve estar atento às diversas situações que ocorrem tanto em sala de aula, como fora dela. Por exemplo, quando a criança visualiza um jornal ou revista, em convívio com as outras pessoas, vendo programas de televisão, passa por um processo de incorporação da informação recebida, relacionado com outras ideias que tenha compreendido na escola. Isso faz com que a criança relacione o seu cotidiano com as aprendizagens da escola, por isso é importante realizar rodas de conversa, durante a aula, para que o professor possa ouvir sobre o que os alunos entendem sobre o tema apresentado.

Ao avaliar, o professor deve estar ciente de que o aluno não poderá passar por um processo de classificação ou julgamentos, mesmo que em muitas escolas esse método de avaliação ainda seja habitual. A fim de que as aprendizagens obtenham significado para a turma, o professor deve assumir uma postura de acompanhamento individual desse aluno.

Por acompanhamento, é possível entender como a atenção do professor para as reações do aluno diante o desenvolvimento da atividade, realizando anotações sobre como está sendo feita a mesma, propondo outras formas de concretização da atividade inicial e relacionando a ação com a rotina do aluno. O modo como o professor busca estar envolvido com as atividades é outro elemento importante, pois ele precisa estar próximo quando os alunos forem relacionar as diversas situações vividas por eles com aquilo que o professor está ensinando. Neste sentido, as

conexões também poderão ser expostas por ele, instigando a reflexão sobre os fatos ou dando exemplo de que os conhecimentos carecem da atribuição de sentido por quem quer aprender.

Desse modo, o professor deverá levar em consideração as experiências histórico-culturais em que o aluno está inserido, pois como cada indivíduo possui a sua trajetória e é a partir dessas vivências que irá relacionar com as aprendizagens que produz em aula. A partir de pensamento construtivista, de aprendizagem, WEISZ (2009, p. 24) afirma:

Na concepção de aprendizagem que se tem chamado de construtivista – na qual o conhecimento é visto como produto da ação e reflexão do aprendiz – esse aprendiz é compreendido como alguém que sabe algumas coisas e que, diante de novas informações que para ele fazem algum sentido, realiza um esforço para assimilá-las. Ao deparar-se com que a ele se colocam como problemas, depara-se também com necessidades de superação. E o conhecimento novo aparece como resultado de um processo de ampliação, diversificação e aprofundamento do conhecimento anterior que ele já detém. Assim sendo, é inerente à própria concepção de aprendizagem que se vá buscar o conhecimento prévio que o aprendiz tem sobre qualquer conteúdo.

Por isso, é de suma importância, que haja uma interação entre os alunos para que, ao exporem seus fatos, troquem ideias com o objetivo de refletir sobre o que está aprendendo e, dessa forma, avançar na ação educativa. Visto isso, é relativo à atuação do professor na mediação entre os alunos durante a interação, para contribuir de maneira significativa nas aprendizagens construídas. Sendo que, essa percepção tem como propósito de que o desafio sirva de estímulo para sempre buscar avançar para aprender através da superação de hipóteses já construídas. Do mesmo modo é substancial ter a relação de conhecimento prévio que o aluno possui, antes de inserir o conteúdo. Segundo WEISZ (2009, p. 94):

Essa necessidade de avaliar no início do processo é característica de relação entre ensino e aprendizagem vistos numa ótica construtivista. Nela, a informação que o aluno recebeu anteriormente como ensino não define o conhecimento prévio, porque esse constitui toda a bagagem de saberes que o aluno tem, oriundos de diferentes fontes e que são pertinentes para a nova aprendizagem proposta. Portanto, ter

conhecimentos de quais foram os conteúdos ensinados anteriormente ao aluno, não permite identificar o que ele já sabe: nem sempre ele aprende o que foi ensinado e, como o conhecimento não se organiza de forma linear, as coisas não funcionam tão simplesmente quanto “agora posso ensinar B, porque no bimestre passado já foi ensinado A”.

Em vista disso, o professor ao ensinar o conhecimento também possui uma bagagem de conhecimentos prévios que pode influenciar em suas explicações e escolhas de atividades e métodos e conseqüentemente, pode acontecer o mesmo com o aluno quando percebe o conhecimento através das intervenções do professor.

A partir da forma com que o conhecimento chega ao aluno e de como ele o reconstrói em sua vivência, o mesmo poderá entender o conteúdo de diferentes configurações. Portanto, é importante que o professor realize uma avaliação inicial (diagnóstico)³ de cada aluno para perceber os conhecimentos prévios que os mesmos possuem, interessado em conhecer a maneira como o conteúdo será assimilado pelo aluno. O acompanhamento diário do aluno, que pode ser realizado em um caderno de registro, é essencial, pois dessa forma o educador irá conduzir todo o processo de aprendizagem. Contudo, como não existe uma fórmula para se aprender, cada sujeito constrói seu conhecimento de uma maneira e é papel do professor fazer com que esse estabeleça uma relação significativa com o conteúdo.

Porém, como foi citado anteriormente, a secretaria de educação necessita organizar-se no sentido de buscar uma concepção de avaliação, construindo uma proposta avaliativa própria, desenvolvida para a educação infantil. Esta prática precisa ser orientada sem excessos, não focada em promover a criança para a próxima etapa, mas orientada pelo propósito de compreender o aluno no seu desenvolvimento particular, visando potencializar suas aprendizagens. Assim, atenta Hoffmann (2012, p. 11) para o uso da avaliação em sala de aula.

³ O diagnóstico pode ser realizado entre uma conversa, um jogo na troca de informações entre o professor titular e o aluno, dando chance para que o docente possa compreender o que a criança já sabe e o que falta aprender. Bem como destaca HOFFMANN (2012, p. 62), “o importante é partir das experiências das próprias crianças em direção à ampliação de suas possibilidades, confiar nas suas tentativas, conversar com elas, valorizar as suas descobertas, perseguindo o desenvolvimento de ações educativas interligadas e centradas na própria criança, sem rupturas, percebendo o olhar avaliativo como elo consistente desse encadeamento”. Desse mesmo modo, é necessário considerar os conhecimentos prévios que o aluno possui sobre o tema a ser desenvolvido e, dessa maneira, planejar as aulas para ampliar as habilidades de cada aluno.

Por um lado, observo que o processo avaliativo, na concepção mediadora, ainda não se efetiva em muitas dessas instituições, mais preocupadas ainda em preencher formulários sobre rotinas, controle do sono, de alimentação e higiene das crianças. Por outro, percebo que estamos vivendo o perigo de um “exagero” na formalização de processos avaliativos em outras instituições, cujo objetivo é de demonstrar às famílias e a sociedade que o trabalho realizado com as crianças é “sério, competente e de qualidade”. A formalização em excesso, devo ressaltar, muitas vezes acaba por desvirtuar o significado próprio da avaliação.

Seguindo esse pensamento, o educador precisa reafirmar a importância da avaliação para o desenvolvimento da aprendizagem, fazendo com que a sociedade adquira uma cultura de interesse, na busca por acompanhar o desenvolvimento dos filhos na escola. Não obstante, e nem menos importante, seria acompanhar os cuidados oferecidos à criança, no dia a dia, contudo o acompanhamento da evolução que se dá aprendizagem do aluno é essencial para o conhecimento que o mesmo irá receber posteriormente. Dessa maneira, percebe-se que a avaliação se constitui nesse conjunto de observar as aprendizagens significativas e as que ainda estão por serem despertadas, considerando o cuidado com o aluno.

A partir da concepção que a aprendizagem se constitui através de um processo contínuo de avaliação do professor, com o propósito de estar junto com o aluno, compreendo determinante destacar a teoria de Vygotsky, que expressa a ZDP (Zona de desenvolvimento proximal), tendo com base que através da interação com o meio a criança terá condições para desenvolver a sua inteligência. Ou seja, irá comparar com o seu conhecimento inicial às ideias sugeridas pela professora e pelos colegas, agindo com a intenção de assimilação e comparação, que também é característico da concepção de Vygotsky. Sendo assim, o professor tem um papel importante na atuação de promover dinâmicas favorecendo a interação dos alunos, para que brevemente os alunos estejam em novas aquisições mentais e ao longo do tempo superando novos desafios.

Diversos instrumentos ao longo do tempo procuraram englobar a avaliação dos alunos, no entanto, percebem-se algumas diferenças entre as formas avaliativas. As fichas de avaliação possibilitam ter uma foto do aluno, oportunizando ao professor acesso rápido a ficha, para registro de fatos e acontecimentos ocorridos durante a aula. Contudo, como informa HOFFMANN (2012, p. 100), as fichas caracterizam por comparar os alunos, anunciando o aluno com conceitos de ótimo, bom ou regular.

A classificação em ótimo, bom ou regular pode partir de critérios estabelecidos pelo professor para a forma de relacionamento esperado para as crianças de uma determinada idade. Neste caso, ele estará comparando a atitude da Júlia com o que esperava dela ou classificando-a a partir de uma maior ou menor aproximação com o que definiu como sendo o ideal.

Muitos educadores ainda utilizam essa ferramenta na avaliação dos alunos, tornando difícil o acompanhamento consistente do aluno tanto pelos pais, quanto para uma reflexão posterior do próprio professor.

O parecer também se caracteriza como um instrumento de avaliação, ferramenta essa em que o educador, sintetiza na forma de texto os fatos ocorridos com os alunos durante um período de tempo. Portanto, na visão de Hoffmann, os pareceres representam outra forma de traduzir o que constaria nas fichas, pois apenas expandem de maneira mais articulada as habilidades e aprendizagens construídas ou em desenvolvimento da criança. Para a autora, é um instrumento que não consegue abordar as formas típicas de construção do conhecimento de cada criança.

Em vista disso, Jussara Hoffmann propõe que o registro da avaliação seja na forma de relatórios descritivos, que abrange o desenvolvimento do aluno. Os relatórios comportam a história do processo de construção do conhecimento do aluno, certificando a singularidade dos alunos no contexto escolar. Como nos atenta Hoffmann (2012, p 88), “os relatórios de avaliação representam a memória ressignificada da história vivida pela criança na instituição e favorecem a continuidade do seu processo de aprendizagem”. Por certo, percebe-se a completude da elaboração de um parecer, dando clareza dos fatos, como uma história individual, valorizando e respeitando o indivíduo.

Apesar das ressalvas de Hoffmann acerca dos pareceres descritivos, compreendemos que eles já conseguem comportar as peculiaridades das aprendizagens de cada criança, por duas razões. A primeira refere-se a sua estrutura, pois, em uma perspectiva ideal, na medida em que o professor precisa elaborar um texto sobre as aprendizagens e o desenvolvimento de cada aluno, precisará considerá-lo de forma individualizada. A segunda razão tem origem na

minha própria prática como professora em formação. Durante o estágio da educação infantil, eu possuía na sala de aula um caderno de registro, em que anotava as falas dos alunos, na qual observava as aprendizagens vinculadas aos objetivos propostos. Dessa maneira organizei os pareceres descritivos a partir das anotações que fiz durante esse período. O documento foi elaborado com a seguinte estrutura: Iniciei o parecer anunciando as áreas e os assuntos trabalhados, no próximo parágrafo registrei os avanços e as aprendizagens referentes ao que foi proposto, depois citei algumas sugestões aos responsáveis em relação às áreas que ainda precisam ser melhor desenvolvidas e sugestões aos pais (leitura, jogos, diálogos), concluindo com um elogio sincero referente à criança. Segue o modelo a seguir (o aluno será identificado como João, preservando sua identidade):

Tabela 1- Exemplo de parecer desenvolvido na prática de estágio

Nome do aluno(a): João da Silva

Data:**/**/****

Durante o período de **/**/**** a **/**/****, foram trabalhados os seguintes conteúdos: interação, identificação, autonomia, musicalidade, faz-de-conta, leitura, conceitos (dia/noite; manhã/tarde; em cima/embaixo; frente/trás; doce/salgado; frio/quente), identificar os números e suas respectivas quantidades, movimento, pintura, colagem, recorte e desenho.

Com base na observação diária é possível observar que o aluno João, participa das aulas com interesse e produtividade, sendo companheiro e amigo dos colegas. Pois, demonstra estar disposto em auxiliar a todos com que convive, quando percebe que é necessário.

Compreende os combinados da sala, respeitando-os. Assim como entende que cada um tem a sua vez de falar, e aproveita esse momento para contar as curiosidades do seu dia. Bem como relaciona os acontecimentos da aula com o seu cotidiano.

O menino sente-se a vontade dentro da escola com os colegas, interagindo na organização de brincadeiras, e quando a professora propõe as atividades, ele tem a iniciativa de construir o que foi proposto, a partir dos materiais disponibilizados. Entretanto em alguns momentos demonstra timidez, pois gosta de realizar as atividades em grupo, embora a maioria delas seja realizada dessa forma, quando não se faz nesse cenário o menino expressa insegurança.

Constantemente está motivado a ouvir histórias e gosta de manusear livros de diferentes formatos. O aluno participava com entusiasmo no reconhecimento de seu nome e dos colegas. Do mesmo modo, localizava-se muito bem no tempo, auxiliando a professora na atualização do calendário e rotina.

Sugiro aos pais, brincadeiras que ele precise interagir com outra pessoa, contação de histórias, por parte dele para que vá se desinibindo.

João continue sendo esse aluno participativo e amigo, contribuindo com ideias do seu cotidiano nas aulas.

Fonte: Arquivo pessoal

4. Pesquisa de campo: um olhar sensível sobre a constituição da avaliação na educação infantil e sua relevância

4.1 Apresentação dos pareceres

Com o propósito de compreender discussões atuais que se desenvolvem sobre a avaliação na educação infantil, realizou-se uma pesquisa qualitativa em duas escolas do município de Jaguarão, uma pertencente à rede municipal e outra, à particular. A justificativa para a escolha destas instituições se deu pelo fato de ter contatado algumas escolas de Jaguarão, mas obtive a disposição para a pesquisa nestas. Esta pesquisa de campo compõe-se de análise dos pareceres e entrevista semiestruturada, entrevistas essas, que são muito utilizadas em estudos exploratórios com a finalidade de dispor melhor compreensão do assunto, gerar hipóteses e fornecer elementos para idealização dos dados. Portanto a entrevista, foi elaborada a partir dos respectivos pareceres e realizadas com os professores de duas turmas dessas escolas, sendo uma das turmas definida como pré I (2-4 anos) e a outra turma como pré-escolar (4-5 anos).

Inicialmente, analisei os pareceres descritivos elaborados pela professora que leciona na Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI), em uma turma de pré I, com alunos entre dois anos até quatro anos, totalizando 13 crianças. Nesta pesquisa, esta docente será identificada ao longo do texto apenas como “P1”, preservando sua identidade. No turno da manhã em uma sala de tamanho médio, contendo diversos brinquedos, um espelho, uma televisão, um aparelho de DVD, cartazes diversos, cabides com o nome de cada aluno, mesas grandes, na qual os alunos trabalham em grupo, pude perceber um ambiente onde são oportunizadas atividades variadas, como danças, jogos e brincadeiras. Assim como a escola possui um pátio com praça, onde as crianças costumam brincar com bolas, pulando amarelinha, brinquedos de areia, entre outros. Com relação ao trabalho desenvolvido, ao longo do ano, os professores e a coordenação da escola, elaboraram projetos pedagógicos, buscando desenvolver as habilidades desses indivíduos e, ao final, é requerido aos pais que compareçam na escola, a fim de prestigiar uma exposição dos trabalhos e apreciação de uma apresentação

artística também relacionada com o tema do projeto. Dessa forma efetuou-se, no decorrer do mês de maio, o projeto trilhas, em que foram desenvolvidas atividades sobre literatura e os diversos gêneros textuais.

Em seguida, foram analisados os pareceres dos alunos feitos por uma professora da rede particular de ensino, que desenvolve seu trabalho em uma turma de pré-escolar, com alunos entre quatro e cinco anos de idade, totalizando dezessete crianças. A professora (identificada no decorrer desta pesquisa apenas por “P2”) atua no turno da tarde, em uma sala de tamanho pequeno referente ao número de alunos. Contudo, a sala possui cartazes variados, livros infantis, uma televisão, um aparelho de DVD, diversos jogos, mesas individuais (que a professora dispõe em grupo), um pátio com piscina de bolinhas, amarelinha, um espaço fechado com brinquedos variados e um pátio com praça, onde os alunos tem o hábito de brincar diariamente. Ao longo do ano, a professora desenvolve com os discentes uma apostila estruturada por ela, usa um álbum de línguas estrangeiras (inglês – espanhol), assim como realiza projetos indicados pela escola.

No contato inicial com a Escola Municipal, fui informada de que a P1 trabalha com os alunos dando destaque a oralidade. Ela proporciona múltiplas atividades baseadas em músicas e cantigas, sendo que posteriormente dá ênfase para atividades de motricidade fina e ampla, relacionando com a criatividade e a socialização. Da mesma forma, os alunos possuem um grande interesse por dançar, cantar, jogar e ouvir histórias. Durante a entrevista, P1 reforçou este enfoque pedagógico.

Na conversação inicial sobre realizar a pesquisa na escola particular, me foi informado que em relação às propostas a educadora dá ênfase em atividades de linguagem oral e escrita, com a intenção de que os alunos tenham desenvolvido plenamente coordenação motora fina, sabendo manusear o lápis, reconhecer as letras, o próprio nome, assim como também se preocupa com a socialização entre eles. Do mesmo modo, os educandos gostam de atividades em grupos, jogos e brincadeiras que promovam a interação, assim como têm interesse em manifestar suas opiniões em rodas de conversa.

Nas duas escolas, durante o ano são marcadas reuniões com os pais para a realização de entrega do parecer, feito pelo professor titular, com informações sobre o desenvolvimento da criança, seus gostos e atitudes dentro do ambiente escolar. Ao receber esse documento, os pais ou responsáveis leem, assinam e o devolvem

ao professor. O responsável que não comparece a reunião, no espaço reservado para a assinatura, fica registrada a sua ausência. Deste modo, se os pais, em outro momento, desejarem ter ciência do parecer de seu filho, o professor irá mostra o documento, mas o responsável não poderá assiná-lo, tendo esse direito apenas no momento da reunião. Motivo pelo qual, se os responsáveis possuírem a liberdade de assinar o parecer em outro momento, que não seja o da reunião, os pais não se farão presentes nesse encontro.

A partir da conversa inicial com a coordenação da EMEI, no momento de solicitar autorização para a realização desta pesquisa, foi possível caracterizar o público atendido pela escola. Os pais são, em sua maioria, assalariados que trabalham como assistentes de cozinha, merendeiras de escola, catadores da coleta seletiva, comerciários e vendedores em geral. Um pequeno número de crianças tem como responsáveis não os pais, mas são parentes próximos que possuem a guarda. Já com relação à instituição particular, a maioria dos pais são de classe média, trabalham como agricultores, sócios em empresas da cidade, professoras, funcionários no comércio e donas de casa. A maior parte dos responsáveis preocupa-se com o bem estar das crianças, porém ainda pensam a escola como um espaço de cuidado, caracterizado por “guardar” seus filhos enquanto estão trabalhando. Ou seja, não têm o propósito de encontrar no âmbito das escolas de Educação Infantil um ambiente de aprendizado, exceto um número reduzido de pais, que procuram a P2 para conversar mais precisamente sobre como se dá o desenvolvimento de seu filho em atividades específicas como de leitura e escrita. Um exemplo desta concepção dos pais pode ser o fato de que, na escola particular, dos dezessete pareceres analisados, apenas nove pais compareceram na reunião realizada em maio para, primeiramente, tratar de avisos gerais da escola e em seguida, para a entrega dos pareceres do primeiro bimestre. Neste sentido, de modo geral, difícil encontrar justificativas diferentes para as ausências que não aquelas relacionadas à falta de interesse em participar do processo de aprendizagem do filho.

Ao analisar os pareceres da escola municipal, percebi que o documento tem o tamanho padrão de uma folha A4 e estão divididos por trimestre, nos quais serão registradas as avaliações dos alunos, ao longo de todo o ano. O primeiro trimestre é reservado para descrever sobre como se deu a adaptação do aluno nesse período

na escola. Já na rede particular, o parecer é organizado por bimestre, no tamanho de uma folha A4, e a P1 poderá relatar o que achar importante nesse espaço.

Em falas espontâneas com a P1 da EMEI, a mesma relata que gostaria de elaborar os pareceres de outra maneira, acompanhando todo o processo de ensino do aluno, mas como a escola tem um padrão do documento à educadora deve seguir esse modelo.

4.2 Análises dos pareceres

Nos pareceres da EMEI, pode-se perceber que não é abordada a questão do desenvolvimento pedagógico dos alunos, se trata somente da adaptação, já aquilo que o aluno desenvolveu em outras áreas não é relatado. Os relatos se atem a questões mais psicológicas, não abrindo espaço para questões de embasamento pedagógico. Na maioria das vezes, as informações se repetem em diferentes pareceres, o que dificultou minha percepção do que particular de cada criança. Deparei-me com relatos muito sucintos sobre o desenvolvimento dos alunos, com características sobre o que gostavam de fazer nas aulas, como por exemplo: “o aluno gosta de dançar e brincar no pátio”.

Da mesma forma, há relatos de choro e insatisfação, descrevendo o progresso da compreensão de que a escola é um ambiente agradável e divertido e, sendo assim, transmitindo segurança de que ao final os responsáveis iriam buscar o aluno, dessa forma incorporando o mesmo na rotina da escola.

Em relação aos pareceres da rede particular, é notável o caráter “maternal” ao descrever praticamente todos os alunos como “meigos e carinhosos”. P2 não relata o que foi desenvolvido nas aulas com os alunos, trata seu próprio planejamento de uma maneira generalizada, o que me levou a pensar ser um indício de que tinha dificuldade para identificar os avanços e diferenças entre os alunos. Nestes pareceres, ficava ainda mais nítida a homogeneização feita pela professora em relação aos alunos, pois identifiquei vários registros idênticos. Contudo, em conversa com a professora titular, percebi que a mesma tem ciência sobre as particularidades de cada aluno dentro da turma, porém não compreendo porque a ela não registra isso nos pareceres. Uma vez que possui liberdade para compô-los, poderia, por exemplo, descrever as atividades oportunizadas aos alunos e enunciar as divergentes aprendizagens construídas, oferecer destaque para uma atividade que o

aluno tenha facilidade ou dificuldade em realizar, e mostrar um incentivo para que o responsável possa continuar a motivá-lo em casa.

Ainda que o RCNEI, (1998, vol1, p.58) indique o registro das múltiplas aprendizagens, esse processo ainda não ocorre como o desejado.

A observação e o registro se constituem nos principais instrumentos de que o professor dispõe para apoiar sua prática. Por meio deles o professor pode registrar, contextualmente, os processos de aprendizagem das crianças; a qualidade das interações estabelecidas com outras crianças, funcionários e com o professor e acompanhar os processos de desenvolvimento obtendo informações sobre as experiências das crianças na instituição. Esta observação e seu registro fornecem aos professores uma visão integral das crianças ao mesmo tempo que revelam suas particularidades.

Nota-se que o registro das aprendizagens nestes pareceres está sendo substituído por sentimentos, predileções, costumes, fazendo com o professor não tenha argumentos para fundamentar a sua prática e em proporcionar aos alunos aprendizagens significativas.

Desse mesmo modo, compreendo que a P1 não possui uma restrição referente ao conteúdo, podendo ampliar a sua visão de narrativa sobre o desenvolvimento dos fatos e assim descrever a relação de alguns alunos em sala de aula e a relação de acontecimentos ocorridos até o presente momento. Mas, mesmo assim, a apresentação do documento apontou relatos de forma abreviada, até mesmo pelo espaço de ambos os pareceres.

Reconheço que o espaço para desenvolver o parecer é restrito, como sugere o modelo a seguir. Neste caso, o professor fica sem alternativa para descrever mais precisamente as atividades propostas durante esse período, assim como fica limitado descrever como se efetuou o vínculo das atividades propostas com os alunos para assimilação de todo esse processo. Ainda, percebo que, em alguns desses documentos, o espaço não está sendo aproveitando, pois sobram linhas a serem preenchidas.

Tabela 2- Exemplo de parecer desenvolvido pelas escolas no ano de 2015

Parecer Descritivo 2015

Aluno:.....

Turma:..... Turno:.....Profª:.....

Adaptação:.....

.....

.....

.....

Data de entrega:/...../..... Responsável:.....

Fonte: Arquivo pessoal

Neste espaço (com pequenas variações entre a escola municipal e a escola particular), são escritos os pareceres, em linguagem clara e direta para que os pais tenham uma boa compreensão do que está escrito. Mesmo assim, no ato da reunião a educadora acrescenta algo que acha importante, assim como também esclarece dúvidas de algum pai que esteja preocupado com um conhecimento específico do filho. Contudo, embora haja este espaço de diálogo, a maioria dos pais faz perguntas apenas sobre o comportamento das crianças e conta sobre fatos que aconteceram em casa.

Na rede Municipal, dos treze pareceres que analisei, três destacam que as crianças gostam de brincar, contudo três choravam, expressando ainda não estar acostumados com aquele ambiente, porém a professora não demonstrava nenhuma orientação sobre esse fato nos pareceres.

Destacam-se também três pareceres relatando que as crianças possuem grande entusiasmo em realizar as atividades propostas, assim como uma delas sentia atração por atividades com movimento, querendo dançar durante a reprodução das canções.

Um fato determinante, que percebo ser importante destacar, é sobre os responsáveis não possuírem uma cópia do parecer, sendo assim entendo para que possam acompanhar todo o processo de desenvolvimento do filho, os pais deveriam receber o documento no final da reunião. Posto isso, a oferta de uma cópia desse documento poderia servir como um estímulo da escola para que os pais tivessem

mais interesse por participar do processo de aprendizagem de seus filhos. Assim, destaca o RCNEI (1998, vol 1, p. 61):

Os pais, também, têm o direito de acompanhar o processo de aprendizagem de suas crianças, se inteirando dos avanços e conquistas, compreendendo os objetivos e as ações desenvolvidas pela instituição.

Sendo assim, saliento a importância dos responsáveis possuírem uma cópia para ser capaz de participar das muitas etapas em que seu filho irá percorrer ao longo de sua trajetória escolar.

Na escola particular, antes do registro oficial, os pareceres são submetidos à coordenação para que sejam revisados e, por vezes, é a indicado não colocar todos os conhecimentos trabalhados, passando esse registro para outro bimestre. Todavia HOFFMANN (2012, p. 65) alerta sobre o compromisso com o relatório.

Relatórios de avaliação consistentes se constituem por anotações frequentes sobre o cotidiano de cada criança, de modo a subsidiar, permanentemente, o trabalho junto a ela, desvelando caminhos ao professor no sentido de planejar melhores estratégias de aprendizagem.

Portanto, evidencia-se a importância da produção de um relatório, em que busque informar as habilidades do aluno, em sua plenitude. Mesmo que haja pouco espaço no documento imposto pela escola, é importante que o parecer seja explorado, já que no próximo bimestre haverá futuras aprendizagens que serão descritas.

4.3 Encaminhamentos pedagógicos a partir das avaliações nos pareceres

Após essa análise dos pareceres, foram analisadas as entrevistas semiestruturadas, cujo roteiro está em anexo. Estas entrevistas constituíram-se a partir dos relatos dos pareceres, atrelado a percepções teóricas de como deve ser elaborado o processo de avaliação nas escolas. As entrevistas foram realizadas no ambiente escolar, sendo que antecipadamente ocorreu uma visita com a intenção de contatar as escolas e pedir permissão para que a entrevista fosse gravada.

A entrevista começa abordando sobre a percepção do professor da avaliação na educação infantil. P1 indica ser processual, realizada individualmente, portanto deve ser realizada diariamente com cada aluno. Também P2 entende desta forma,

dando destaque que algumas crianças ingressam na escola desde bem pequenas, passando por diversas etapas e que cada aluno apresenta um tempo de aprendizado. Além disso, a P2 declarou que a avaliação também deve ser em conjunto, pois convivemos em sociedade e mesmo quando nos tornamos, adultos somos avaliados todo o tempo.

Destaca-se que a professora P2 acha importante desenvolver em suas aulas um conjunto de conteúdos, pois a partir de uma atividade pode explorar diversas outras aprendizagens, sendo assim a mesma relata que:

“Se for desenvolvido com a turma a música, junto à oralidade também vai ser trabalhado a motricidade ampla, a coordenação motora fina, no momento da pintura de desenho referente à música, os alunos necessitam usar o lápis ou giz”.

Assim como também informa que é importante fazer atividades conectando a teoria com a prática. Dessa forma foi desenvolvido o projeto literário, trabalhando com o livro “Rinocerontes não comem panquecas”, depois que a professora contou a história, ela conduziu os alunos até a cozinha e preparou panquecas com os alunos, posteriormente utilizando garrafas pet, confeccionou rinocerontes, para serem usados como brinquedos pelos alunos. Sobre os projetos pedagógicos HOFFMANN (2012, p. 77) refere-se da seguinte forma:

O planejamento desenvolvido por meio de projetos pedagógicos, em Educação Infantil, tem por fundamento uma aprendizagem significativa para as crianças. Eles podem se originar de brincadeiras, da leitura de livros infantis, de eventos culturais, de áreas temáticas e de necessidades observadas quanto ao desenvolvimento infantil. Vários projetos podem se desenvolver ao mesmo tempo, de tal forma que se dê a articulação entre o conhecimento científico e a realidade espontânea da criança, promovendo a cooperação e a interdisciplinaridade num contexto de jogo, trabalho e lazer.

A diversidade de conteúdos a ser desenvolvidos em sala de aula, também foi um relato da P1, que diz:

“Busco trabalhar com o todo, assim como com a oralidade, mas a parte de escrita não está sendo muito desenvolvida em função da disparidade de idade dos alunos”.

Sobre os instrumentos utilizados, P1 informa que os observa diariamente e faz anotações. Assim, P2 também informa que a escola utiliza os pareceres, servindo apenas para mostrar para os pais, por isso ela observa seus alunos todos os dias, anunciando que:

“Observo se o aluno consegue pintar respeitando limites, se consegue escrever seu nome, se a relação professor-aluno, aluno-professor está clara e compreensível”.

Ressaltando que P2 acha importante que o parecer seja construído aos poucos e não apenas para o ato de entrega para os pais, descreve que cada aluno pode ser avaliado a partir de suas aprendizagens, mês a mês. Entretanto destaca HOFFMANN (2012, p. 45) sobre a construção do conhecimento.

Não há como falar em ação avaliativa, como acompanhamento e mediação, desvinculando-a do cotidiano da ação educativa e da dinâmica da construção do conhecimento. Ela não pode ser entendida como um momento ao final do processo, em que se verifica onde a criança chegou, definindo sobre ela uma “lista de comportamentos ou capacidades”.

Isto se refere que o processo de avaliação deve acontecer diariamente, sobre o olhar atento do professor, dando enfoque as curiosidades, avanços do aluno, valorizando o seu jeito através de uma leitura positiva de percebê-lo.

Uma das concepções de aprendizagem que P1 destacou ser determinante em sua prática foi a interacionista, pois procura envolver os alunos em atividades em conjunto. Igualmente, P2 diz que gosta de realizar rodas de conversa, com o objetivo de que os alunos compartilhem situações do cotidiano, pensando que a criança aprende na interação com o outro, relacionando experiências.

A concepção de criança, da P2, busca envolver uma evolução de percepções, pois há tempos a criança era percebida como um adulto em miniatura, até então sem importância para a sociedade, sendo digna de respeito somente depois que crescerá. Atualmente, a criança tem um papel importante na sociedade, pois é um ser que está em pleno desenvolvimento, tendo como direito brincar e ter proteção. Destaca-se na fala de P2 a importância de investir na educação das crianças, dando enfoque para a educação infantil que é primeiro contato das crianças com o ensino. No entanto, P1 ressalta o rápido desenvolvimento das crianças com as tecnologias,

sendo que ocupam seu tempo assistindo televisão, deixando de lado o brincar. Por isso, P1 oportuniza atividades e brincadeiras que envolvam movimento, interação e participação de todos.

Em relação à avaliação estar ligada a aprendizagem, definida para P1 como muito importante, a mesma relata que conforme o aluno vai aprendendo ele mostra o que está adquirindo, pois entende que o aluno precisa passar por inúmeras etapas dentro da educação infantil, para ter um bom desempenho nos anos iniciais. Contudo percebo que a educação infantil não tem por objetivo promover o aluno para o ensino fundamental, mas propiciar atividades impulsionando a construção de aprendizagens significativas, relativo ao seu desenvolvimento. Mencionando posteriormente, que percebe que o cotidiano da criança influencia em sua aprendizagem, assim sendo a criança traz para o ambiente escolar, atitudes, gestos e formas de agir que realiza no seu dia a dia.

Do mesmo modo, P2 entende que a aprendizagem está totalmente relacionada com a rotina do aluno e que desse jeito a criança traz para a escola influências do cotidiano. A professora percebe que quando ela relaciona as vivências com o conhecimento, o aluno capta o ocorrido, como um ato significativo, sendo assim possibilita que ele fique motivado com a sua contribuição, se percebendo parte do grupo.

A avaliação dita pela P1 caracteriza-se como um processo importante, pois através da avaliação a professora relata que consegue planejar as atividades que irá realizar com os alunos. Assim como a P2, considera a avaliação um processo importante, reafirmando a sua ideia de que a avaliação permanecerá durante toda a vida, durante as ações e reações dos indivíduos.

Relata a P2, que as diversas formas de avaliações feitas por ela, tanto em conversas, quanto no registro ou observação, interfere bastante nos seus planejamentos, pois é a partir dessas que ela compreende onde precisa desenvolver melhor a capacidade do aluno, oportunizando atividades em grupo e individuais.

Destaco aqui, que a P1 acredita ser importante que os pais levem uma cópia do documento para casa, pois como tudo é lido e conversado em poucos minutos os pais, muitas vezes, terminam por não se lembrar do que foi dito. Entretanto, no ano anterior a escola possuía outra forma de avaliação, sendo realizadas duas avaliações, primeiramente era feita uma avaliação com diversos registros e comentários do professor, referente ao aluno e em seguida o professor fazia um

parecer mais resumido, sendo que o relatório os pais levavam para casa e o parecer resumido permanecia na escola. Assim como a P2, anuncia que acha importante que os pais, ao final do ano tenham a oportunidade de levar esse parecer para a casa, assim como estar ciente, de quais conteúdos foram trabalhados e os objetivos propostos.

Sobre a linguagem utilizada nos pareceres as duas destacam que percebem que a maioria dos pais entende como uma linguagem difícil, por isso por muitas vezes, as professoras procuram utilizar uma fala clara e objetiva sobre o que pretendem comunicar no documento, no momento da reunião; entretanto HOFFMANN (2012, p. 112) sustenta a ideia da escrita, que reorganiza o pensamento, oportunizando uma maior reflexão e conexão das ideias.

Ao registrar o que se observa, diariamente, cada professor reflete sobre a evolução do seu próprio trabalho e sobre suas posturas pedagógicas. O que escreve, como escreve e sobre o quem escreve são reflexos daquilo que faz, de como faz, de como pensa sobre cada criança, de como pensa sobre o currículo, sobre as questões afetivas e atitudinais, entre outros.

Desse mesmo modo se enxerga a escrita com uma forma de contribuição na reflexão do educador, oportunizando com que ele consiga distanciar-se de pensamento do dia a dia com os alunos e retomando ideias para identificar hipóteses diferentes.

5. Considerações finais

Ao final desse estudo, foi possível compreender a importância da realização de pareceres e relatórios descritivos na avaliação da educação infantil, pois oferece qualidade a aprendizagem do aluno, assim como emprega excelentes estratégias de evolução na prática dos professores, fazendo o docente adquirir o hábito de pensar sobre os fatos ocorridos na aula.

Ao fazer uma análise dos pareceres e das entrevistas, fica evidente a discordância dos pareceres com a fala dos professores, portanto percebe-se que os professores compreendem a importância da elaboração de atividades que contemplem a totalidade das diversas áreas. Apesar disso, admitem preferir conversar com os pais sobre o desenvolvimento do filho do que registrar em

pareceres, todo esse processo de aprendizagem no documento. Contudo entendo que se houver um registro o responsável irá obter um melhor acompanhamento do processo de construção da aprendizagem, assim como a escrita irá constituir de maneira positiva na reflexão sobre as aulas, repensando atitudes, contribuições, intervenções e formas de relação do professor com os alunos.

Muitos aspectos da educação, ainda caminham ausentes na concepção de avaliação mediadora, portanto acredito ser importante salientar em reuniões, debates ou falas espontâneas na escola, sobre os professores anunciarem as formas no quais acreditam ser mais adequadas de elaborar a avaliação. Com intenção de promover a perspectiva avaliativa dentro das escolas, pois mesmo sendo um parecer descritivo, a forma de registro nos pareceres ainda caracteriza-se como classificatório.

Com base nesse trabalho, sustentou-se a minha proposta de que é extremamente necessária a elaboração de relatórios e pareceres descritivos na avaliação, assim como a intenção de que dentro do ambiente escolar os professores sejam qualificados, com uma formação coerente a sua devida área, para identificar a importância da avaliação.

Desse mesmo modo, o estudo me fez refletir não somente nas formas de avaliação utilizadas, mas as intervenções pedagógicas que eu utilizava na turma, me propondo fazer uma autoanálise de como ocorre esse processo quando me vejo atuando em sala de aula, sendo que atualmente me percebo mais reflexiva e dinâmica, buscando envolver todos os eixos para a promoção da aprendizagem.

Por fim, ressalto sobre como é determinante construir um relatório de avaliação, não somente para conhecer sobre as aprendizagens dos indivíduos, mas para contribuir em ações realmente significativas, possibilitando avançar e colaborar com qualidade no espaço educativo.

6. Referências

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998. 1v.: il.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HOFFMANN, Jussara. **O jogo do contrário em avaliação** Porto Alegre: Mediação, 2005.

_____. **Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade**. Porto Alegre: Mediação, 2009.

_____. **Avaliação e Educação Infantil: um olhar sensível e reflexivo sobre a criança**. Porto Alegre: Mediação, 2012. (edição atualizada e ampliada).

SACRISTÁN, J. Gimeno; PÉREZ GÓMEZ, A. I. **Compreender e transformar o ensino**. Tradução Ernani F. da Fonseca Rosa. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

WEISZ, Telma. **O diálogo entre o ensino e a aprendizagem**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2009.

ANEXO

Roteiro para entrevista com professores da Educação Infantil

() Rede particular () Rede Municipal

1. Como você entende a avaliação na educação infantil?
2. O que você leva em conta para avaliar seu aluno de educação infantil?
3. Quais instrumentos você utiliza para avaliar seus alunos?
4. Qual a sua concepção de aprendizagem e de forma o aluno de educação infantil aprende?
5. Qual a sua concepção de criança e o que é ser criança atualmente?
6. A aprendizagem do aluno está relacionada com a avaliação?
7. Você considera a avaliação um processo importante na etapa da Educação Infantil? Por quê?
8. De que forma a avaliação que você elabora nos pareceres interfere, depois, no seu planejamento pedagógico?
9. Como se dá a dinâmica de entrega de pareceres? Em algum momento, os responsáveis pela criança podem levar esse documento para casa?
10. Você percebe que os pais compreendem o que está registrado nos pareceres?